

## Capibaribe Artesanal – sítios de saberes tradicionais de uma bacia hidrográfica em Pernambuco (Brasil)

Rutt Keles Alexandre da Silva<sup>1\*</sup> Jadson Freire da Silva<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Doutoranda em Geografia, Universidade Federal do Ceará, Brasil. (\*Autora correspondente: kelesrutt@hotmail.com)

<sup>2</sup>Doutor em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

*Histórico do Artigo:* Submetido em: 25/03/2024 – Revisado em: 17/07/2024 – Aceito em: 10/08/2024

### RESUMO

Versamos sobre as potencialidades do artesanato, compreendo-o além de seu status de objeto funcional, decorativo ou folclórico. Concebemos o artesanato enquanto produto representativo da cultura pernambucana, e para isso evidenciar, definimos um recorte a partir da bacia hidrográfica do Rio Capibaribe, com o objetivo de apresentar um panorama de sua produção artesanal; sintetizar as referidas informações num mapa; e, evidenciar fatores que condicionam sua sustentabilidade. Isto para demonstrar a existência do que chamaremos aqui de sítios artesanais que juntos conformam o “Capibaribe Artesanal”. A escolha do recorte se deu em função da repetição de aspectos como territórios de referência neste quesito: a “Terra do Barro” – Tracunhaém; a “Terra do Bordado Manual” – Passira; a “Capital Estadual do Mamulengo” – Glória do Goitá; etc. Ou seja, a atividade artesanal, foi capaz de compor geossímbolos – simplificados entendidos como representativos territoriais. Estes representativos participam ativamente de economias municipais, vivenciam uma atual fase de revalorização simbólica devido a procura por itens não padronizados, e são instrumento de empoderamento. Pois, é comum que em áreas distantes das metrópoles, suburbanas, ou de convivência com climas rígidos como o semiárido – que abrange parte da bacia, se utilize o artesanato como alternativa de sobrevivência. Esta análise qualitativa com pesquisa em gabinete e campos exploratórios realizados, identificou aspectos que influenciam a sustentabilidade dessas práticas, tais quais: produtores artesanais/mestres artesãos; repasse de saberes; feiras temáticas; estímulos governamentais; e, paisagens culturais.

**Palavras-Chaves:** Sítios artesanais, Sustentabilidade, Geossímbolos, Paisagens culturais.

### Artisanal Capibaribe: Traditional Knowledge Sites of a Drainage Basin in Pernambuco

### ABSTRACT

We focus the study on the potential of craftsmanship, by understanding it beyond its condition as a functional, decorative or folkloric object. We conceive crafts as a representative product of Pernambucan culture. In order to demonstrate this, we defined a cut based on the Capibaribe River basin, with the aim of presenting an overview of its artisanal production; summarizing the information mentioned above on a map; and highlighting factors that condition its sustainability, with the aim of demonstrating the existence of what we will call here artisanal sites, which together make up the “Artisan Capibaribe”. The choice of the cut was due to the repetition of aspects such as reference territories in this sense: the “Land of Clay” – Tracunhaém; the “Land of Manual Embroidery” – Passira; the “State Capital of Mamulengo” – Glória do Goitá; etc. In other words, artisanal activity was capable of composing geosymbols, which are simply understood as territorial representatives. These representatives participate actively in municipal economies, and are experiencing a current phase of symbolic revaluation through the search for atypical elements. They are also an instrument of empowerment. It is common that in distant areas from big cities, suburban areas, or areas with harsh climates such as the semi-arid types -which cover part of the basin- crafts are used as an alternative to survive. This qualitative analysis, -with desk research and exploratory fields carried out-, identified aspects that influence the sustainability of these practices, such as: artisan producers/master craftspersons; knowledge transfer; thematic fairs; government incentives; and cultural landscapes.

**Keywords:** Keywords: Artisanal sites, Sustainability, Geosymbols, Cultural landscapes.

Silva, R.K.A, Silva, J.F. (2024). Capibaribe Artesanal – sítios de saberes tradicionais de uma bacia hidrográfica em Pernambuco (Brasil). *Revista Brasileira de Meio Ambiente*, v.12, n.2, p.136-151.



## Capibaribe Artesanal: sitios de conocimientos tradicionales de una cuenca hidrográfica de Pernambuco

### RESUMEN

Nos enfocamos en el potencial de la artesanía, entendiéndola más allá de su condición de objeto funcional, decorativo o folclórico. Concebimos la artesanía como un producto representativo de la cultura pernambucana, y para demostrarlo, definimos un recorte basado en la cuenca del río Capibaribe, con el objetivo de presentar un panorama de su producción artesanal; resumir la información mencionada anteriormente en un mapa; y resaltar factores que condicionan su sostenibilidad, con el objetivo de demostrar la existencia de lo que aquí llamaremos sitios artesanales que en conjunto conforman el “Capibaribe Artesanal”. La elección del recorte se debió a la repetición de aspectos como territorios de referencia en este sentido: la “Tierra de Barro” – Tracunhaém; la “Tierra del Bordado Manual” – Passira; la “Capital Estatal del Mamulengo” – Glória do Goitá; etc. En otras palabras, la actividad artesanal era capaz de componer geosímbolos, entendidos simplemente como representativos territoriales. Estos representantes participan activamente en las economías municipales, viven una fase actual de revalorización simbólica por la búsqueda de elementos atípicos y son un instrumento de empoderamiento. Es común que en las áreas alejadas de las metrópolis, suburbanas, o que viven en climas duros como el semiárido -que cubre parte de la cuenca- se utilice la artesanía como alternativa para sobrevivir. Este análisis cualitativo, con investigaciones de gabinete y campos exploratorios realizados, identificó aspectos que influyen en la sostenibilidad de estas prácticas, tales como: productores artesanales/maestros artesanos; transmisión de conocimientos; ferias temáticas; estímulos gubernamentales; y paisajes culturales.

**Palabras clave:** Sitios artesanales, Sostenibilidad, Geosímbolos, Paisajes culturales.

### 1. Introdução

No estado de Pernambuco, a bacia hidrográfica do Rio Capibaribe concentra fração de seu território no clima tropical semiárido, capaz de limitar certas formas da economia agrícola nos diferentes períodos do ano em razão das altas temperaturas e do baixo índice de chuvas (Castro, 2018). De modo tal, como é comum em áreas suscetíveis às adversidades climáticas, existe a diversificação de atividades complementares às rotinas no campo, através da produção artesanal. Embora o clima não explique sozinho sua magnitude, práticas tradicionais de produção, valorização simbólica dos bens produzidos, e, outros aspectos, fazem com que o estado seja notabilizado por suas mais variadas formas de expressão.

Vestimentas de couro, brinquedos de madeira, bordados, tapeçarias e cestas de vime, que antes poderiam convir apenas às necessidades do consumo interno, tornaram-se um bem comercializável, apresentando-se como ferramenta econômica eficaz e estabelecendo-se como prática cultural e financeira tradicional. Ainda que subestimada por parte da sociedade, é fato notório a referenciação de municípios em razão do artesanato, tomemos como exemplo: a “Terra do Bordado Manual” (Passira); a “Cidade da Xilogravura e dos Papangus” (Bezerros), a “Terra do Barro” (Tracunhaém); a “Capital Estadual do Mamulengo” (Glória do Goitá); e, a “Terra da Renda” (Pesqueira), alcunhas que existem além do marketing – do Agreste ao litoral. Artesanatos perfazem geossímbolos: ícones que assumem dimensão simbólica capaz de fortalecer alguma identidade, por razões culturais, religiosas ou políticas (Bonnemaison, 2012).

Na modernidade, o prevaecimento da produção em larga escala, a padronização e o barateamento das coisas, desvalorizou as oficinas artesanais e o artesanato (Keller, 2014). Vigorou por muito tempo o descompasso entre a perícia típica do acabamento artesanal que demanda tempo, e a avidez da sociedade industrial que embalou o turista consumidor de artesanato como souvenir; regalos com emblemas do local que não traduzem o significado de autêntico (Ramos, 2013). Contudo, é possível afirmar que o artesanato vivencia um estágio de revalorização simbólica em função da busca por personalização, posse do produto único, exclusivo, tradicional, produzido em pequena escala. Como explica Ramos (2013), há turistas que atualizaram seu comportamento para padrões mais atentos às culturas locais – onde o artesanato pode ser visto como elo que é, entre artesão e comunidade. Alheio à cultura local o artesanato não tem o mesmo valor.

Os artesanatos têm o poder de fortalecer identidades, pois integram nossa cultura material, são objetos, técnicas de produção e desenhos enraizados em nossa história. Identidades autênticas formam-se no seio das

representações. Nós brasileiros, como híbridos culturais que somos tomamos a diversidade inerente à nossa cultura como potencializadora de nossas faculdades criativas (Canclini, 1983). Os artesanatos são um sintoma de seu lugar de origem, se associam diretamente ao ambiente vivido e à economia. Sua prática é a resistência reveladora de identidades, entender seu funcionamento exige interpretação sobre escolhas de matéria-prima e técnicas de transformação condicionadas a questões ecológicas (Lody, 2013).

O que mantém vivo este universo artesanal é a transmissão de conhecimentos, de “saber fazer”, “valorizado enquanto repasse de identidade, de pertencimento a uma família, uma comunidade, uma região” (Lody, 2013, p. 11). A transmissão do “saber fazer” artesanal nas comunidades quase sempre está associada aos mestres artesãos, produtores tradicionais que notabilizaram um ofício legitimado por sua comunidade de origem e/ou reconhecido pela academia, chamados de mestres artesãos. Eles repassam seus conhecimentos fundamentais de geração em geração e imprimem em suas peças um estilo próprio (Brasil, 2012). Mestres artesãos são exímios produtores e também podem ser chamados de artífices, levando em consideração o que diz Sennett (2013): o artífice é aquele que trabalha com primor e perícia artesanal.

Em termos de sustentabilidade, numa perspectiva cultural, Leff (2009) explica: é obrigatória a consideração sobre a produtividade tecnológica conectada diretamente com a capacidade de recuperação e aperfeiçoamento das práticas tradicionais. É preciso reconhecer a identidade étnica e os valores culturais das comunidades, pois é disso que depende a sua vitalidade, criatividade, significação de estilos de vida, os quais são a fonte de sua produtividade. Assim, segundo o autor, o aperfeiçoamento de suas práticas estará condicionado às suas motivações para a autogestão e também a seus processos econômicos, podendo aliar-se a conhecimentos científicos e técnicos modernos, capazes de incrementar a sua produtividade.

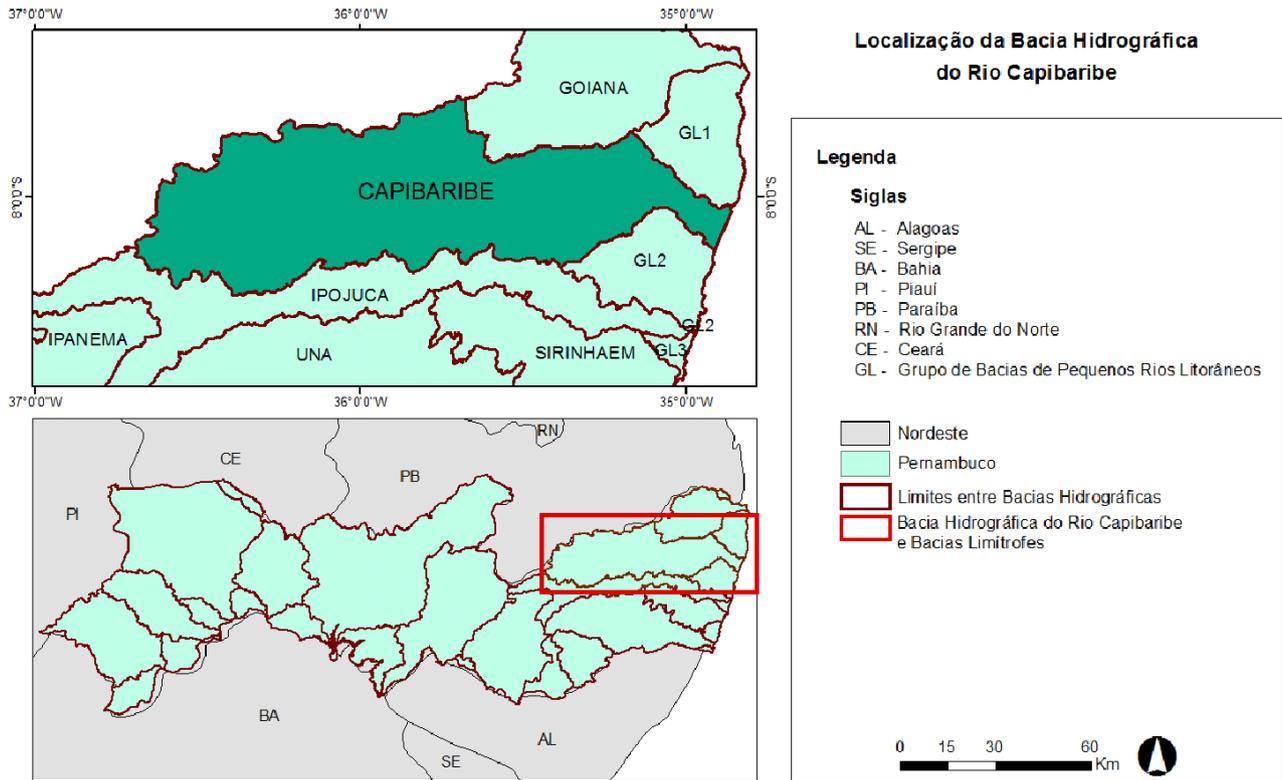
Neste sentido, uma análise mais cuidadosa sobre produtos artesanais pode revelar o que torna um ambiente propício ao seu desenvolvimento, fazendo com que este prospere no tempo e no espaço. De modo tal, este artigo objetiva apresentar um panorama da produção artesanal concernente aos territórios compreendidos na bacia hidrográfica do Rio Capibaribe, sintetizando as referidas informações e evidenciando fatores que condicionam a sustentabilidade das práticas artesanais.

## **2. Material e Método**

### *2.1 Área de Estudo*

Em termos de caracterização, a bacia do Capibaribe localiza-se na porção norte-oriental do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. A bacia incorpora quarenta e dois municípios; seu rio principal possui nascente na divisa entre Jataúba e Poção com foz em Recife; seu regime fluvial é intermitente em seu alto e médio curso; atinge a perenidade nos municípios do baixo curso do rio (Apac, Online) (Figura 1).

Figura 1 – Mapa de localização da bacia hidrográfica do rio Capibaribe  
 Figure 1 – Location map of the Capibaribe river basin



Fonte: Autores; Base Cartográfica: IBGE (2010)  
 Source: Authors; Cartographic Base: IBGE (2010)

O Capibaribe cruza diversos centros urbanos sofrendo as intempéries provocadas por resíduos industriais e domésticos (Apac, Online), experimentando o dissabor do descaso sobre recursos naturais, que são antes de mais nada, ambientes de vida. Além dos processos urbanos que atingem a bacia, a mesma trata-se de um patrimônio do estado de Pernambuco, sendo um de seus principais cartões postais, envolto em histórias místicas, mais que isto, integrando parte importante da história e da sociedade pernambucana. Ademais, é comum o aproveitamento das águas de seu lençol subterrâneo pela perfuração de poços artesianos. A agricultura e a pecuária beneficiam-se das águas do “Rio das Capivaras”, tornando-as fonte de subsistência direta ou indireta de muitas comunidades.

### Procedimentos Metodológicos

Esta investigação qualitativa combinou a pesquisa bibliográfica e documental, para reunião de fontes teóricas e discussão de conceitos interdisciplinares, com a busca por informações sobre as produções artesanais tradicionais em cidades pernambucanas, através de artesãos atuantes; comerciantes e consumidores artesanais. Esforço feito também durante uma série de campos exploratórios, os quais, segundo Gil (2008), são recomendados especialmente para temas pouco esmiuçados, cenário em que se torna difícil a formulação de hipóteses precisas, por isso é imprescindível associar a revisão de literatura com pesquisas em fontes secundárias e a discussão com especialistas.

A inclusão de artigos se deu mediante busca no Google Acadêmico e *JSTOR Arts & Sciences I Collection I (Humanities)*. Adotou-se como critério de inclusão a escrita em língua portuguesa e a presença de análise de atributos culturais, econômicos e sociais da Bacia do rio Capibaribe (Pernambuco). Os critérios de exclusão foram a língua estrangeira e a não relação com o tema. O intervalo temporal alcança os anos de 2000 a 2018. As palavras chaves foram aplicadas de forma a encontrar o maior quantitativo relevante sobre o tema (“*Cultura, Bacia do Capibaribe*”; “*Artesanato, Pernambuco, Capibaribe*”, “*Artesanato, Cultura, Capibaribe, Pernambuco*”). As paginações procuradas no Google Acadêmico estão no alcance do 1 (um) ao 10 (dez). Desta forma, encontrou-se os artigos que foram utilizados como suporte a pesquisa, seja na confecção do mapa, tabela ou produção e amparo textual.

Ademais, para uma pesquisa minuciosa sobre a bacia do Rio Capibaribe, a magnitude artesanal pernambucana, matérias primas e documentos governamentais ligados à atividade em questão, consultou-se instituições não acadêmicas como a Agência de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco (AD Diper); Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae); Centros do Artesanato de Pernambuco do Recife e Bezerros; Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (SICAB); e, Programa de Artesanato Brasileiro (PAB), em Pernambuco. Além disto, pelas feiras artesanais em diferentes localidades do estado; lojas e sites de produtos; material jornalístico e iconográfico e arquivos públicos, foi possível obter material para fortificação de argumentos em torno da resolução da problemática pesquisada e o cumprimento dos objetivos. Baseamo-nos em Lakatos e Marconi (2006), numa postura reflexiva e crítica pautando-nos na documentação indireta.

Para a interação social fez-se uso de entrevistas informais, como as descritas em Gil (2008), as quais, possibilitam uma visão geral do problema em análise, percebendo nuances da personalidade do entrevistado, premissa importante para investigações exploratórias, guiando a conversa de modo que sejam fornecidos dados pelos informantes-chave (especialistas no tema, líderes comunitários, de associações etc.). Para as entrevistas, a pesquisa foi submetida e teve aprovação prévia do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com CAEE de nº **68802117.7.0000.5208** e título “*Capibaribe Artesanal: tramando a paisagem cultural e sustentabilidade ambiental*”, que possibilitou a conquista de informações relevantes para consolidação e fortificação de argumentos científicos.

## 2.2 Produção de material cartográfico – Mapa de produção artesanal na Bacia do Capibaribe

O mapa denominado espacialidades da produção artesanal na bacia do Rio Capibaribe (PE) presente na Figura 2, traz um indicativo dos municípios com registro de produção artesanal em sua área de abrangência, onde é possível ter uma noção de como se distribuem e são populares atividades artesanais.

Como critérios para a inclusão destes municípios no mapa, com a indicação de produtores artesanais, utilizaram-se os seguintes parâmetros (Quadro 1):

Quadro 1 – Parâmetros para confecção do mapa

i) ser localidade de origem e atuação de algum mestre artesão ou comunidade reputada pela produção artesanal
ii) abrigar em seus limites alguma associação/cooperativa de produtores artesanais;
iii) promover algum tipo de feira com temática que contemple o segmento artesanal;
iv) propiciar a existência de algum centro, atelier ou escola destinada ao ensino de práticas artesanais
v) possuir expositores ativos em centros ou feiras de artesanato.

Fonte: Autores  
Source: Authors

Além dos condicionantes descritos no Quadro 1, para construção do mapa utilizou-se dados de entrevistas nas dependências da AD Diper, dos Centros de Artesanato de Pernambuco e Sebrae. Aliado a isto, séries de visitas exploratórias ao recorte, e feiras abrangentes como a FENEARTE (a maior da América Latina), para constatar o que ali se produz (sob amparo do Comitê de Ética em Pesquisa). A validação de algumas informações foi feita mediante contato com as prefeituras, sindicato de trabalhadores rurais, associações e cooperativas de produtores artesanais, para assegurar que as localidades apresentavam especificidades suficientes para serem consideradas de tradição artesanal.

A produção deu-se pelo software de geoprocessamento e bases de dados oriundas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Física), no que se refere as *shapefiles* correspondentes aos municípios e ao estado propriamente dito.

### 3. Resultado e discussão

#### 3.1 Sítios simbólicos do artesanato em Pernambuco

Reputações territoriais correlativas ao artesanato, inseridas na bacia hidrográfica do Rio Capibaribe, parecem ser uma constante. Cada uma à sua maneira colabora para a conformação do que se pode chamar de “sítios artesanais”. O argumento exposto por Pierre Bourdieu (2013, p. 133) explora a ideia de sítio como “lugar”, justo onde “um agente ou uma coisa se situam, “têm lugar”, existem, enfim, como localização; ou, relativamente, relacionalmente, como posição, escalão no interior de uma ordem”. Este é o contexto por onde se enxergam os sítios artesanais: áreas caracterizadas pela expressividade contínua de produção artesanal, que abrigam predicados para perpetuar. Quais sejam: i) produtores artesanais/mestres artesãos; ii) repasse de saberes; iii) feiras temáticas; iv) estímulos governamentais; e, v) paisagens culturais, que evidenciam ações dos agentes do sítio e sua relação com a prática artesanal. Em outras palavras, estes cinco elementos enumerados atuam para a sustentabilidade das práticas artesanais nos referidos sítios.

O conceito de “sítio” anuncia: “uma cosmovisão, um espaço de crenças partilhadas que define o real [...] articula assim suas crenças, seus conhecimentos e seus comportamentos” explica Zaoual (2008, p. 7). Para o autor, o que se entende por sítio tem seu alicerce em aspectos simbólicos, sendo assim, uma entidade imaterial antes de mais nada e impregnado de

comportamentos individuais, coletivos e todas as manifestações materiais de uma região dada (paisagem, habitat, arquitetura, saber-fazer e técnicas, utensílios, modo de coordenação e de organização econômica etc.). Deste ponto de vista, é um “patrimônio coletivo” vivo que tira sua consistência do “espaço vivido” pelos atores (Zaoual, 2008, p. 7).

O mesmo autor vai além ao postular o conceito de “sítios simbólicos de pertencimento” o que relacionamos aqui aos locais de produção artesanal de referência. Em busca deste entendimento pensemos:

sob a forma de imagens, o sítio é feito uma “caixa preta” que contém mitos fundadores, valores, revelações, revoluções, sofrimentos e experiências do grupo humano em questão. É o aspecto simbólico, frequentemente oculto, das práticas locais. O sítio tem também uma “caixa conceitual” que abrange seus conhecimentos comuns empíricos e/ou teóricos e, enfim, sua “caixa de ferramentas” contendo seus modos de organização, seus modelos de comportamento e de ação, seu saber-fazer, suas técnicas etc. O senso comum que o sítio dá a seu mundo percorre o conjunto dessas “caixas”, nenhuma delas estando isolada do restante (Zaoual, 2006, p. 33).

Zaoual (2006) fala de uma entidade imaterial que abarca o espaço vivido de um determinado lugar, onde existe uma *caixa preta* que resguarda todas as crenças, os mitos, os valores, as experiências passadas e ritualizadas. Neste mesmo lugar, há também uma segunda caixa, a *conceitual*, onde ficam os conhecimentos

empíricos e teóricos que tomaram corpo no passar do tempo, isto é, um saber social acumulado em sua trajetória. O que se guarda nos dois primeiros compartimentos são acessados pelos atores do sítio em uma situação oportuna, para que se possa operar a *caixa de ferramentas* - de saber fazer, de técnicas e de ações já familiarizadas. De modo tal, cada sítio organiza seu mundo e produz um fenômeno de auto-organização.

Então, uma vez decifrada a lógica que rege o funcionamento destes sítios, considerando as razões simbólicas que os mantém atuantes, pode-se dizer que seus comportamentos econômicos não ficam à mercê de fórmulas ou padrões de desenvolvimento que ignoram seus costumes. É como diz Zaoual:

as leis científicas em economia não podem escapar totalmente ao controle (*emprise*) do sítio, ele mesmo em perpétua evolução. Como este último é sempre singular, movente, contraditório e incerto em suas evoluções, os teoremas econômicos aceitos pela ciência oferecem fraca contribuição intelectual. Tudo parece emaranhado, ainda mais quando se considera que a noção de sítio remete a um espaço imaterial e material, aberto e fechado. Tudo indica que efetua seleções entre os modelos que chegam de fora e com relação às tradições locais. Tudo acontece como se se tratasse de um *expert* coletivo. Assim ele combate o caos e as incertezas que assediam seus organismos sociais (Zaoual, 2006. p. 32, 33).

Apoiados nessa interpretação, podemos dizer que quando se trata de um “sítio simbólico de pertencimento” a autonomia é posta na balança antes de se cogitar a aceitação de qualquer modelo que ameace ou venha a interferir em sua liberdade criativa, padrões tradicionais e tomadas de decisão. Pois, os atores estão acostumados a gerir suas próprias relações comerciais. Em contrapartida, outros grupos podem almejar a ampliação do seu mercado divulgando sua produção na mídia, promovendo e participando de feiras que lhes garantam mais visibilidade, incluindo-se num circuito regional que se lança para um mercado maior, encontrando um equilíbrio entre o ritmo de uma produção lenta e o aproveitamento das oportunidades crescentes para este seguimento.

De modo tal, entenda-se que em razão do sistema de valores e as representações atuantes num sítio, há a influência de práticas, tanto econômicas, quanto sociais. Numa espécie de matriz de ordem simbólica local, perpetuam-se comportamentos individuais e coletivos engendrando modelos de ação localizados: comportamentos e atividades econômicas (Zaoual, 2008). Neste sentido, ratifica-se que não apenas fatores ligados ao ambiente natural, como também elementos conectados à sua geografia cultural, estimulam comportamentos e influem sobre práticas econômicas.

Assim, compreende-se que somente após ser fortalecido pelas tradições, pelo “saber-fazer” e pelos traços culturais, é que o sítio se espacializa territorialmente, dinâmica esta que permite-nos apreender como as práticas de sobrevivência dos lugares influenciam suas trajetórias econômicas. Sinalizamos ainda que “as condições materiais de existência por si só não garantem o conjunto de valores de um sítio. É a relação dialética entre os valores, a cultura imaterial, e os artefatos culturais que se constrói um sítio” (Dorigon e Renk, 2018, p.145). Em outras palavras, além da materialidade arquitetônica e dos delineamentos territoriais, um sítio apresenta uma série de comportamentos culturais, técnicas e modos de fazer, que tornam sua existência possível como uma matriz de ordem simbólica.

### 3.2 Sustentabilidade e artesanato

Conforme expõe Leff (2001), a sustentabilidade do processo de desenvolvimento implica no estabelecimento de novas relações funcionais entre campo e cidade. Assim, além das oposições que permeiam o crescimento econômico, é a partir da conservação ecológica e preservação do ambiente, bem como o desenvolvimento urbano e rural, que se elaboram economias verdadeiramente sustentáveis, pautadas no potencial produtivo e ecológico de cada lugar, preservando seus valores.

Lody (2013) ratifica a ideia de que práticas artesanais devem ser pensadas também pelo viés ecológico, pois se tratam da tradução de uma cultura, o testemunho de uma cosmovisão, que revela quem o artesão é pelo

que ele faz, este desempenha, portanto, um papel sociocultural. Gestos, ações, rituais, técnicas, formas, cores, habilidades, envolvem a produção artesanal que toca ao mesmo tempo que há de útil e simbólico, formalizando uma ecologia. Este saber fazer é também patrimônio. Moldar o barro, trançar a fibra e fiar o algodão, denota a predileção dos artesãos no tratamento da matéria-prima (Lody, 2013).

Os cinco conjuntos que caracterizam os sítios artesanais da bacia do Rio Capibaribe, mencionados anteriormente, influenciam sua sustentabilidade. São elementos aos quais, o Poder Público deve atentar-se e a sociedade reconhecer sua colaboração, no estabelecimento de práticas tradicionais que referenciam territórios. Estes elementos serão nos parágrafos seguintes acrescidos de algumas discussões.

Dois dos elementos destacados nesta pesquisa e que participam da sustentabilidade dos sítios, estão correlacionados: i) produtores artesanais/mestres artesãos; e, ii) repasse de saberes. Os primeiros podem se organizar da seguinte forma: núcleos de artesãos (incluindo grupos familiares), associações (instituição de direito privado), cooperativas (empresa de prosperidade coletiva), sindicato (direito fundamental de trabalhadores), federação (organização que congrega associações), confederações (aliadas às federações para um determinado fim) (Brasil, 2012).

Sobre os mestres artesãos, e o repasse de saberes, é importante trazer um raciocínio orientado por Sennett (2013) no qual “um artesão pode traçar uma trajetória anônima com realizações coletivas e contínuas”. Suas peças trariam uma assinatura também coletiva, popular. Mas o modo como se “escreve” esta assinatura não é algo tão objetivo de se explicar, porém há uma linha de raciocínio possível de ser seguida: considera-se o componente “transmissão de saber”, como algo profundamente ligado a toda produção artesanal que se populariza. Esta transmissão costumeiramente é iniciada no âmbito familiar, na cooperação entre membros. Geralmente os mais novos executam atividades para depois aperfeiçoar-se.

Neste ciclo de repasse, os saberes podem ser acessados por outros indivíduos não necessariamente da família, mas da comunidade, que podem em conjunto reverter tal aprendizado em atividade lucrativa que prospera no tempo e se fortalece no espaço. Muitas vezes oficinas organizadas pelo Poder Público, escolas, Organizações Não-Governamentais e outras, podem atuar em favor dessa transmissão (SILVA, 2018).

O que tornaria determinado artesanato atrativo, além de sua história e tradição numa localidade (fatores que condicionaram seu surgimento e sua permanência) é o reconhecimento de que sua existência está condicionada a um “saber fazer” diferenciado e próprio de um lugar que preza por um padrão de qualidade possibilitado pela perícia artesanal, citada em Sennett (2013). Esta, mantida no passar das gerações, elabora a assinatura que notabiliza tais artigos e os diferencia de outros de uma mesma tipologia.

Quando surge um artífice, que cria um novo traço e inicia outro ciclo de transmissão de saber, tem-se um mestre artesão. Aquele que é dotado de valor simbólico, capacitado por “saberes” e “fazeres” não institucionalizados. Olhares e subjetividades legitimam sua figura como elemento fundamental para perpetuação de uma prática (Nascimento, 2012).

Em Pernambuco, os bezerrensenses J. Borges (xilografurista) e Lula Vassoureiro (fazedor de máscaras de papangu) são Patrimônios Vivos no que tange ao artístico. Além destes, conforme consta no site oficial do Centro de Artesanato de Pernambuco, destacam-se: Manuel Eudócio de Caruaru, considerado o último discípulo do Mestre Vitalino (escultor de barro); Ana Amélia de Tracunhaém (artesã da cerâmica); Lúcia Firmino de Passira (bordadeira); Miro de Carpina (fazedor de mamulengo); Nilson (escultor de barro) da arte santeira de Tracunhaém; Seu Espíndola de Poção (rendeiro); Ivo Diodato de Tracunhaém (escultor em barro), como outros exemplos de mestres artesãos atuantes no território. Tais mestres agregaram à sua “marca estética” traços de uma culturalidade e seu ambiente natural, trazendo através de seus ofícios, notoriedade para seus lugares, formando discípulos e construindo um legado.

Adiante em nossas argumentações, levanta-se o terceiro item destacado: iii) feiras temáticas. Nos sítios artesanais existem cidades como Passira que conta com mais de três décadas de tradição, sediando a Feira do Bordado Manual, o que é uma grande vitrine do artesanato local e adjacências, criando um fluxo de intercâmbio cultural. Sabe-se que existem feiras que reúnem maiores quantitativos de produtos de maneira transitória como

a FENEARTE, e permanentes, como os Centros de Artesanato de Pernambuco, com sede em Recife e Bezerros (SILVA, 2018). Popular no Brasil inteiro, a bacia abriga, a Feira de Caruaru – ao ar livre, patrimônio cultural imaterial do país e que engloba uma multiplicidade de artigos típicos (tapeçarias, redes, literatura, artigos em couro, instrumentos musicais, brinquedos de lata e muito mais). Ali, no Alto do Moura, existem ruas dedicadas a venda do artesanato com a paisagem marcada pela arte figurativa.

Sobre o item iv) incentivos governamentais, inclui-se aqui o que está previsto na Base Conceitual do Artesanato Brasileiro, que em prol do desenvolvimento inclusivo e sustentado das atividades artesanais, almeja atuar nos seguintes eixos:

Gestão – visa promover a integração de iniciativas relacionadas ao artesanato [...]. Desenvolvimento do Artesanato – tem o objetivo de promover medidas para a melhoria da competitividade do produto artesanal e da capacidade empreendedora [...]. Promoção Comercial – o foco é a identificação de espaços mercadológicos adequados à divulgação e comercialização dos produtos artesanais, a participação em feiras, mostras e eventos nacionais e internacionais. Sistema de Informação Cadastrais do Artesanato Brasileiro – SICAB - visa conhecer e mapear o setor por meio de estudos técnicos e do cadastro do artesão no Sistema com vistas à elaboração de políticas públicas para o segmento. Estruturação de núcleos para o artesanato – busca apoiar o artesão formalizado em associações, cooperativas ou microempreendedor individual envolvidos em projetos ou esforços para a melhoria de gestão do processo da cadeia produtiva do artesanato por meio da construção ou reforma de espaços físicos gerenciados pelos estados e municípios (Brasil, 2012, p. 10).

O apoio do Poder Público faz a diferença em termos de visibilidade, treinamento, promoção vendas e auxílio para participação em encontros artesanais, fora do âmbito municipal. O bom andamento das feiras também conta com este apoio essencial. Especialmente em territórios, como o pernambucano, onde o artesanato movimenta a economia, é importante um olhar aprimorado sobre as necessidades específicas dos sítios e ao que está previsto na Base Conceitual.

Por fim, cita-se o item: v) paisagens culturais. Augustin Berque (2004) ajuda a explicar por que a dimensão da paisagem é importante em nossa consideração. O conceito elaborado por ele, nomeia a paisagem como marca e matriz simultaneamente. Enquanto marca, a paisagem “expressa uma civilização”, quando suas composições e formas colaboram com a sucessão de usos e significações através de gerações. Na sua dimensão matriz, “participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura”. Neste sentido, cada grupo irá esculpir em seu espaço vivido, sinais de sua prática cultural.

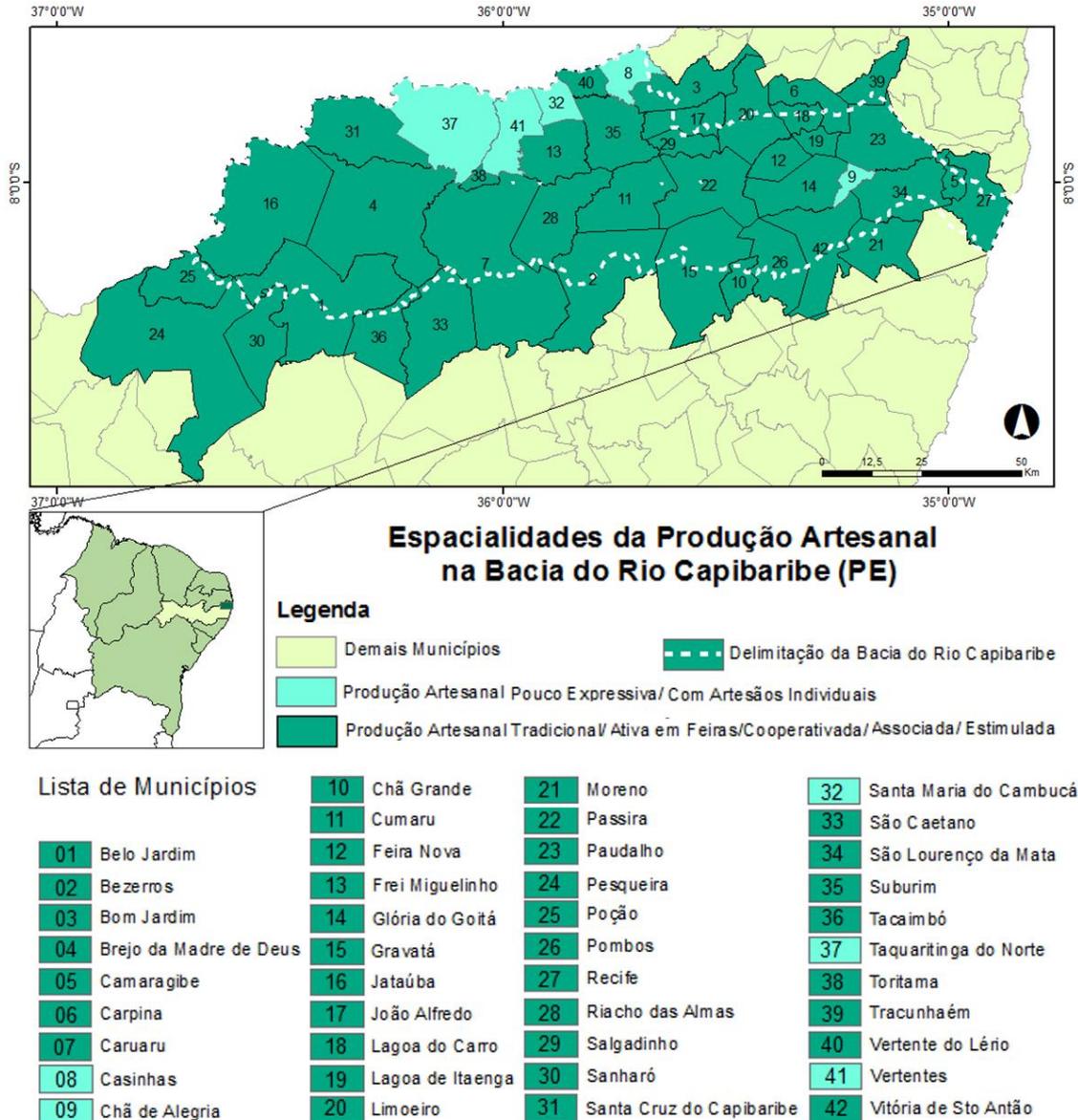
Dito de outra forma, na medida em que uma sociedade ordena e estrutura um espaço original de acordo com suas finalidades, funções e tecnologias, originam-se “regiões”, polos, eixos, fluxos, em suma, uma estrutura geográfica, sendo as paisagens, reveladores visuais (Bonnemaison, 2012).

A cidade de Tracunhaém em Pernambuco, por exemplo, recebe seus visitantes com gigantes esculturas de barro na entrada, casas e calçadas são repletas deste artesanato. Em outro exemplo, para saber que Glória do Goitá é a Capital do Mamulengo é só chegar na cidade, pois é dito em seu pórtico, assim como se faz na feira de Caruaru, que ainda notifica seu status de patrimônio. As cores de sua arte figurativa saltam aos olhos no centro e no Alto do Moura. Cruzar o território de Lagoa do Carro não é possível sem avistar tapeçaria à venda, assim como em Gravatá, no transcurso dos móveis e brinquedos de madeira, onde a economia artesanal está expressa, semelhantemente o que ocorre no centro de Passira. Sua rua principal se traduz num verdadeiro corredor de lojas de bordado e no final da rua, marcando a paisagem, temos a estátua da bordadeira, em frente igreja matriz. Os papangus estão em toda parte na cidade de Bezerros no carnaval, na rodovia principal, contam-se muitas oficinas de xilogravura. A bacia está permeada pela paisagem artesanal, esta mesma que é muitas vezes tema do próprio artesanato.

### 3.3 Viagem ao “Capibaribe Artesanal”

A frequência com a qual se observa a produção artesanal e a consolidação de sítios na região concernente à bacia em tela, conforma o que se pode chamar de “Capibaribe Artesanal” (Bacia do Capibaribe Artesanal) – um território onde a percepção sobre o artesanato não se limita à funcionalidade de seus usos, ou ao seu potencial decorativo, a algo produto do folclore, ou como alguns possam pensar, pertencente a um passado superado pela modernidade. Mas sim, componente cultural simbólico, patrimonial, sustentável, representativo de territórios, sobre os quais elaborou-se a Figura 2.

**Figura 2** – Espacialidades da produção artesanal na bacia do Rio Capibaribe (PE)  
 Figure 2 – Specialties of artisanal production in the Capibaribe River basin (PE)



**Fonte:** Autores; Sebrae (2010, 2013); Pernambuco (Online); Base Cartográfica do Datum Geodésico Horizontal-D.G.H., 2017  
**Source:** Authors; Sebrae (2010, 2013); Pernambuco (online); Cartographic Base of the Horizontal Geodetic Datum-D.G.H., 2017

Na Figura 2, atente-se para a localização da bacia do Capibaribe no estado de Pernambuco, cada um dos seus municípios está demarcado e identificado numericamente. A delimitação da bacia pela linha pontilhada demonstra que nem todos os municípios estão totalmente nela inseridos. A cor verde escura atribuída a cada localidade, seguiu os parâmetros anteriormente expostos, os quais são relembrados na legenda do mapa. O tom mais claro de verde, denota a existência de atividade artesanal de modo mais tênue, ou com especificidades diferentes das adotadas como critérios.

A apresentação da Figura 2 não intenciona a cristalização de ideias ou rotulação de qualquer um dos quarenta e dois municípios presentes na bacia do Capibaribe, em Pernambuco, mas sim demonstrar o quão popular e disseminada é a prática artesanal ali, levando a acreditar que a manifestação de tais atividades não surgiu ou prosperou de modo fortuito. As cidades, apesar de apresentarem perfis econômicos distintos, assim como índices populacionais, encontram nessas práticas um ponto em comum.

Ocorre que, em busca de atingir certo equilíbrio financeiro, estando inseridas no sistema capitalista, dentro de suas possibilidades, as populações mais pobres especialmente, elaboram estratégias de incremento à renda. Um consorciando outras atividades com a lida no campo e na pesca, outras na área urbana, com suas dinâmicas de comércio e serviços (SILVA, 2018). Levando em consideração esta lógica e as variantes que a condicionam, alguns grupos encontraram no desenvolvimento artesanal um importante complemento de receitas. O que por sua vez corrobora para diminuir a sobrecarga do ambiente agropecuário em terras vulneráveis climaticamente, como as que abrangem a bacia hidrográfica aqui analisada. Da mesma maneira, tais estratégias perfazem um instrumento de empoderamento, além do complemento à renda, seja pelo turismo ao qual motiva, pela promoção de feiras temáticas, ou o comércio perene dentro e fora dos limites da urbe.

Nota-se uma predominância de territórios incluídos nos critérios estipulados, interpretáveis como locais de produção artesanal significativa. Vista a importância de evidenciar os artigos notáveis destas localidades, apresentam-se os dados da Tabela 1.

**Tabela 1** - Municípios pertencentes à bacia do Rio Capibaribe e sua produção artesanal mais expressiva  
**Table 1** - Municipalities belonging to the Capibaribe River basin and their most expressive artisanal production

MUNICÍPIO	PRODUÇÃO ARTESANAL MAIS EXPRESSIVA
<b>Belo Jardim</b>	Louça de cerâmica e barro, arte figurativa em barro e madeira, artesanato com juta, renda*
<b>Bezerros</b>	Máscara de papangu, xilogravura em materiais diversos, instrumentos musicais, brinquedos de madeira*
<b>Bom Jardim</b>	Bonecas de tecido*
<b>Brejo da Madre de Deus</b>	Artesanato com fibras, palhas e cipós, renda, escultura em pedra*
<b>Camaragibe</b>	Tapeçaria, bonecas de tecido*
<b>Carpina</b>	Mamulengo, boneco de maneira, brinquedos de dar corda*
<b>Caruaru</b>	Arte figurativa em barro e madeira, artigos em couro*
<b>Casinhas</b>	(Produção pouco expressiva e artesãos individuais)

<b>Chã de Alegria</b>	(Produção pouco expressiva e artesãos individuais)
<b>Chã Grande</b>	Cachaça artesanal, micro-escultura em palito*
<b>Cumarú</b>	Crochê e tricô*
<b>Feira Nova</b>	Bordado manual, artesanato em cipó*
<b>Frei Miguelinho</b>	Lençol de retalhos*
<b>Glória do Goitá</b>	Mamulengo*
<b>Gravatá</b>	Bonecas de tecido, escultura em pedra, utensílios em metais, alumínio e madeira, luminárias de pvc*
<b>Jataúba</b>	Renda renascença, bordado manual*
<b>João Alfredo</b>	Bordado manual*
<b>Lagoa do Carro</b>	Tapeçaria*
<b>Lagoa do Itaenga</b>	Cerâmica*
<b>Limoeiro</b>	Bordado manual, ponto cruz*
<b>Moreno</b>	Panelas de barro*
<b>Passira</b>	Bordado manual, cachaça artesanal, renda*
<b>Paudalho</b>	Pintura em tela, tricô*
<b>Pesqueira</b>	Renda renascença, escultura em madeira*
<b>Poção</b>	Renda renascença*
<b>Pombos</b>	Artesanato com couro*
<b>Recife</b>	Trabalhos com escamas de peixe, madeira, crochê trançados de palha, cerâmicas, esculturas em barro, cestaria, cerveja artesanal, cachaça artesanal, doces*
<b>Riacho das Almas</b>	Artesanato com cipó*
<b>Salgadinho</b>	Bordado manual, renda, quadro de reboco*
<b>Sanharó</b>	Renda*
<b>Santa Cruz do Capibaribe</b>	Bolsa de retalhos, artigos customizados*

<b>Santa Maria do Cambucá</b>	(Produção pouco expressiva e artesãos individuais)
<b>São Caetano</b>	Artesanato com metal e barro*
<b>São Lourenço da Mata</b>	Bolsa de tecido, artigos em madeira, cesteira e trançado de palha*
<b>Surubim</b>	Bordado manual, trabalhos com algodão, madeira*
<b>Tacaimbó</b>	Bordado manual, rendas*
<b>Taquaritinga do Norte</b>	(Produção pouco expressiva e artesãos individuais)
<b>Toritama</b>	Artigo em couro, tecelagem*
<b>Tracunhaém</b>	Arte figurativa em madeira e barro, utensílios de barro, arte santeira*
<b>Vertente do Lério</b>	Bordado manual, crochê, pintura em tecido, reciclagem*
<b>Vertentes</b>	(Produção pouco expressiva e artesãos individuais)
<b>Vitória de Santo Antão</b>	Cerveja artesanal, biscuit, boneca de pano, bordado*

\*Os asteriscos na coluna da direita pretendem demarcar a possibilidade de outras práticas artesanais, menos expressivas, não citadas.

**Fonte:** Autores; Sebrae (2010, 2013); Apac (Online); AD Diper (Online); Pernambuco (Online)

**Source:** Authors; Sebrae (2010, 2013); Apac (online); A.D. Diper (online); Pernambuco (online)

Dispõem-se nesta tabela a multiplicidade de artigos culturais encontrados ao longo da bacia e sua gama de tipologias – “denominação dada ao segmento da produção artesanal, que determina a classificação por gênero, utilizando como referência a matéria-prima predominante, bem como sua funcionalidade” (Brasil, 2012, p. 18). As grandes tipologias incluem produtos de matéria-prima natural de origem animal, vegetal e mineral (areia, conchas, peles, madeira, vidro, etc.). De matéria-prima processada artesanalmente, industrialmente ou com processos mistos (argila, fios, tecidos, materiais sintéticos). Ainda, produtos que exigem certificação de uso (alimentos e bebidas, cosméticos, brinquedos, etc.). Os materiais recicláveis não constituem uma categoria própria, em razão das inúmeras possibilidades onde podem enquadrar-se (Brasil, 2012).

As funcionalidades artesanais são muitas, constam na Portaria SCS/MDIC nº29, de 5 de Outubro de 2010 (que tornou pública a Base Conceitual do Artesanato Brasileiro). Ela agrupa-os como: adorno e/ou acessório; adereço; educativo, lúdico; religioso/místico; utilitário; profano; lembrança/souvenir. A Base Conceitual utiliza termos como artesãos, artistas populares, trabalhadores manuais e mestres artesãos. Mas existem outros nomes populares específicos como xilogravurista ou xilógrafo; para quem trabalha com xilogravura, bordadeiro/a para quem borda; brinquedista para fazedor de brinquedo; quem faz arte com barro é ceramista ou oleiro, e assim por diante (BRASIL, 2010).

Faz-se um esclarecimento quanto a itens dispostos na Tabela 1 e que podem gerar discussão sobre seu enquadramento artesanal, pois não são necessariamente objetos, adornos ou utensílios, mas para consumo alimentício e recreação, como cerveja, cachaça e doces. Estes foram aqui considerados pelo seu atributo artesanal da pequena escala, da não automatização, da feitura dependente do recurso humano em todo o

processo de fabrico. Este tipo de consideração é feita pela própria Base Conceitual (BRASIL, 2012), ela descreve que estes podem se enquadrar no conceito de produto típico. O documento esclarece que estes produtos exigem certificação e é possível realizar cadastro de artesanato mesmo no âmbito da tipologia “alimentos e bebidas”, para tanto, é necessário:

consultar a legislação que regulamenta o setor de alimentação, disponível no sítio [www.anvisa.gov.br](http://www.anvisa.gov.br), especialmente a Resolução nº 23, de 15 de março de 2000, que dispõe sobre “O Manual de Procedimentos Básicos para Registro e Dispensa da Obrigatoriedade de Registro de Produtos Pertinentes à Área de Alimentos” (Brasil, 2012, p. 26).

Por mais que seja incomum conceber um produtor artesanal de doces e bebidas como artesão, a Base Conceitual dá subsídios para esta interpretação. O termo “produtor de cachaça”, é comumente utilizado. Como quer que seja, a diversidade observada na Tabela 1 denota as variadas alternativas adotadas por comunidades que mesmo com estruturas ambientais particularmente dessemelhantes, adquirem meios de expressão criadora através dos produtos artesanais. Tanto quanto atividades econômicas, são atividades culturais tradicionais.

Desta forma, verifica-se que a região da bacia do Capibaribe, aqui chamada de “Capibaribe Artesanal”, mantém quase que em sua totalidade a presença da cultura do artesanato como elemento, ora marcante ou em processo de crescimento, garantido pela manutenção dos saberes locais e regionais, acentuando o sentimento de pertencimento, o simbolismo e a valorização das matérias primas. A sustentabilidade ou a cadeia sustentável que envolve os sítios simbólicos não está ligada somente à cultura em si, mas também à promoção de políticas públicas que amparam o mestre artesão e seus aprendizes, ao mercado que se beneficia com a produção cultural, coisas que fixam o homem ao lugar mediante o trabalho.

#### 4. Conclusão

Por mais que seja difícil precisar com exatidão, existem fios condutores para práticas artesanais que ajudam a manter consistentes as bases da atividade. Assim, em busca de evidenciar fatores que garantem sustentabilidade às práticas em questão, destacamos: os produtores artesanais, mestres artesãos, o repasse de saberes, as feiras temáticas, os incentivos governamentais, e as paisagens culturais, como grandes estimuladores dos sítios do artesanato, contidos na bacia hidrográfica do Rio Capibaribe que resolvemos chamar de “Capibaribe Artesanal”. São sítios simbólicos de pertencimento.

Estamos cientes de que uma investigação específica sobre cada um dos municípios da bacia no que diz respeito à sua produção artesanal, demandaria um tempo extenso. Mas o ineditismo dessa pesquisa está na apresentação de um panorama amplo sobre os potenciais do referido território, considerando a pluralidade de comunidades propícias a uma investigação em torno da sustentabilidade de práticas artesanais, fluxos de produção e políticas públicas de ampliação e valorização do sítio.

#### 5. Agradecimentos

Agradecemos ao financiamento do PROEX/CAPES, processo nº 0348/2021/23038.008387/2021-53: Programa de Excelência Acadêmica.

#### 6. Referências

AD DIPER – Agência de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco. [Online]. Disponível em: <<https://www.adepe.pe.gov.br/?s=Artesanato>>. Acesso em: 18/05/2014.

APAC- Agência Pernambucana de Águas e Clima. **Bacias Hidrográficas – Rio Capibaribe**. [Online].

Disponível em: <[www.apac.pe.gov.br/bacias-hidrograficas-rio-capibaribe/162-bacias-hidrograficas-rio-capibaribe/193-bacia-do-rio-capibaribe](http://www.apac.pe.gov.br/bacias-hidrograficas-rio-capibaribe/162-bacias-hidrograficas-rio-capibaribe/193-bacia-do-rio-capibaribe)>. Acesso em: 18/05/2014.

BERQUE, A. (2004). Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ. pp. 84–91.

BONNEMAISON, J. (2012). Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia (1)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, pp. 279-309.

BOURDIEU, P. (2013). Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. **Estudos avançados**. 27(79), 133 – 144.

BRASIL. (2012). **Base Conceitual do Artesanato Brasileiro**, Brasília. 61p.

BRASIL. **Portaria SCS/MDIC nº29, de 5 de Outubro de 2010. Torna pública a base conceitual do artesanato brasileiro para padronizar e estabelecer os parâmetros de atuação do Programa do Artesanato Brasileiro - PAB em todo o território nacional**. Brasília, 2010. Disponível em: <[www.legisweb.com.br/legislacao/?id=221568](http://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=221568)>. Acesso em: Maio/2024.

CANCLINI, N. G. (1983). **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 93p.

CASTRO, C. N. de. Sobre a Agricultura Irrigada no Semiárido: uma análise histórica atual de diferentes opções de política. Brasília: Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada -Ipea, 2018. 49p.

DORIGON, C., & RENK, A. (2018), Os sítios simbólicos de pertencimento dos colonos e dos caboclos do oeste de Santa Catarina. **Revista Grifos**. 27(45), 140 – 158.

GIL, A. C. (2008). **Métodos e técnicas de pesquisa social** (6 a ed.). São Paulo: Atlas, 220p.

KELLER, P. F. (2014). O Artesão e a Economia do Artesanato na Sociedade Contemporânea. **Política & Trabalho Revista de Ciências Sociais**, (41), 323-347.

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. de A. (2006). **Metodologia Científica**. (4a. ed.). São Paulo: Atlas, 305p.

LEFF, E. (2009). **Ecologia, capital e cultura. A territorialização da racionalidade ambiental**. Petrópolis: Vozes. 439p.

LEFF, E. (2001). **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes. 495 p.

LODY, R. (2013). **Barro & balaio: dicionário do artesanato popular brasileiro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 400p.

NASCIMENTO, L. M.A.L. do. (2012). Saberes e Fazeres na Construção Social da Maestria: um estudo dos mestres ceramistas da Bahia. **Revistainter-legere**, (10), 81-100.

PERNAMBUCO. Centro de Artesanato de Pernambuco. **Nossos Mestres**. [Online]. Disponível em: <<https://www.artesanatodepernambuco.pe.gov.br/>>. Acesso em: 18/05/2014.

RAMOS, S. P. (2013). Políticas e Processos Produtivos do Artesanato Brasileiro como Atrativo de um Turismo Cultural. **Revista Rosa dos Ventos**, 5(I), 44-59.

SILVA, R. K. A. da. (2018). **Práticas artesanais formadoras de paisagens culturais : um olhar sobre a sustentabilidade**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.

SEBRAE. (2010). **Artesanato de Pernambuco – Catálogo 2010**. Recife: SEBRAE/PE. 236p.

SEBRAE. (2013). **Artesanato de Pernambuco – Catálogo 2013**. Recife: SEBRAE/PE. 276p.

SENNETT, R. (2013). **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record. 360p.

ZAQUAL, H. (2008). Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições? **Caderno Virtual de Turismo**, 8 (2), 1-14.

ZAQUAL, H. (2006) **Nova Economia das Iniciativas Locais: uma introdução ao pensamento pós-global**. [Tradução de Michel Thiollent]. Rio de Janeiro: DP&A: Consulado Gerald a França: COPPE/UFRJ.